

deus da ruína  
série legado dos deuses, livro quatro  
rina kent

Tradução de Célia Correia Loureiro

Aos psicopatas.  
Que possamos apreciá-los na ficção,  
mas nunca encontrá-los na vida real.





## NOTA DA AUTORA

Olá, caro leitor,

Se nunca leu os meus livros, talvez não saiba, mas escrevo histórias sombrias que podem ser perturbadoras e inquietantes. Os meus livros e personagens principais não são para os que se impressionam facilmente.

Este livro contém fetiches primitivos, consentimento duvidoso, sonofilia e menções a traumas de infância.

Certifique-se de que conhece os seus gatilhos antes de prosseguir.

*Deus da Ruína* é um livro completamente independente. Para mais informações sobre Rina Kent, visite [rinakent.com](http://rinakent.com)

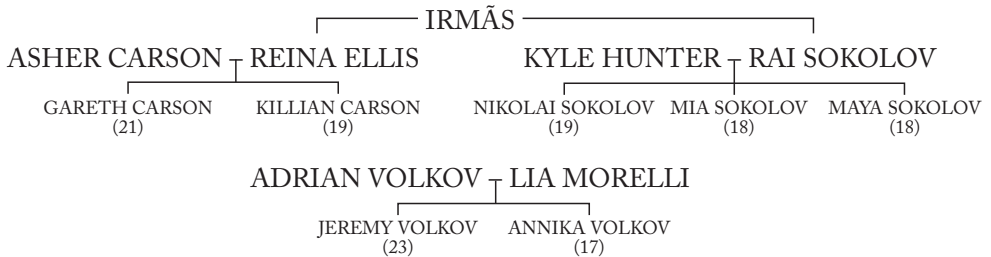


# ÁRVORE DO LEGADO DOS DEUSES

## UNIVERSIDADE ROYAL ELITE



## FACULDADE KING'S U





## **PLAYLIST**

*Blood on Your Hands* — Veda & Adam Arcadia  
*Angel of Small Death and the Codeine Scene* — Hozier  
*RUNRUNRUN* — Dutch Melrose  
*Roman Empire* — MISSIO  
*The Worst in Me* — Bad Omens  
*Skins* — The Haunting  
*Don't Say I Didn't Warn You* — VOILÀ & Craig Owens  
*Supernatural* — Barns Courtney  
*Rude Boy* — Rihanna  
*Happiness Is a Butterfly* — Lana Del Rey  
*Artistry* — Jacob Lee  
*Bad Decisions* — Bad Omens  
*Last Cigarette* — MOTHICA & Au/Ra  
*Anarchist* — YUNGBLUD  
*Colors* — Halsey

Pode encontrar a *playlist* completa no *Spotify*.





**UM**

*Mia*

**E**sta noite, uma certa presença irritante irá provar do seu próprio veneno. Caminho pela escuridão da noite com um peso nos ombros e a raiva a ferver-me nos ossos.

Passo os dedos pela tira da máscara que me cobre o rosto. A respiração fica condensada contra o plástico e o suor cobre-me o lábio superior.

O local onde os meus planos serão executados materializa-se à minha frente — enorme, imponente e terrivelmente cruel.

Mas não está vazio.

Este tipo de mecas hedonistas costuma estar repleto de pessoas que gostam de achar que valem mais do que as contas bancárias dos pais.

Bem, nenhum dos meus planos faria sentido na ausência de uma multidão.

As luzes deslumbrantes do que só pode ser chamado de uma mansão irrompem pela noite, com o brilho de uma estrela-cadente.

Não há nada de modesto no que estou a ver. É uma maravilha arquitetónica enorme de três andares, cuja fachada ostenta janelas amplas e altas.

É por onde todas as luzes brilham, especialmente no primeiro andar. Fitas LED cobrem as árvores no jardim vasto que rodeia a propriedade. Não consigo deixar de sentir pena das pobres árvores, sufocadas por uma celebração aleatória.

O exterior da mansão exhibe um ambiente vitoriano acolhedor que promete muita diversão, mas não me deixa enganar.

Dentro daquela mansão esconde-se um perigo arrepiante, envolto numa aparência deslumbrante.

E esta noite? Vou direta à garganta desse perigo e hei de deixá-lo de joelhos.

— Calma, Mia! — chama uma voz feminina, cheia de frustração.

Olho para trás e vejo a minha irmã gémea, a Maya, a segurar a sua máscara de Carnaval com ornamentos dourados, ofegante.

Arregalo os olhos por trás da máscara e puxo-a para o lado, antes de atravessarmos o portão da propriedade.

Ela debate-se sob o meu aperto firme, os seus gemidos mais parecendo os de uma criança petulante.

— Ugh, estás a magoar-me. — Após uma longa luta, liberta-se do meu aperto impiedoso. Não é segredo que sou a gémea que adora treinos de força. A Maya está mais interessada em massagens e em esculpir o seu corpo de modelo.

Estamos debaixo de uma árvore alta, com galhos curvados, que nos camuflam de qualquer olhar curioso.

A Maya leva uma mão à anca, por cima do vestido preto justo e brilhante que não deixa nada à imaginação. A minha irmã sempre se orgulhou da sua silhueta esguia e dos seios de copa C, e nunca teve vergonha de os exhibir.

Somos gémeas idênticas, por isso temos a mesma estrutura facial delicada, olhos azul-claros em forma de amêndoa e lábios carnudos, embora os dela sejam ligeiramente maiores que os meus. O nosso cabelo é louro platinado e brilhante, mas ela mantém o seu comprido — atualmente, chegando até à parte inferior das costas —, enquanto o meu termina abaixo dos ombros.

Normalmente, teria um monte de fitas no cabelo, mas, como estou a tentar passar despercebida, prendi-o num rabo de cavalo com apenas uma, azul.

Também estou a usar a minha roupa menos chamativa — um vestido simples de couro sem alças, acima do joelho. Para esta noite, as minhas botas são as mais discretas que tenho e as únicas que não são grossas nem cobertas de correntes.

A Maya, no entanto, optou por usar saltos altos, como de costume, sem se importar com o facto de isso vir a atrapalhar a nossa missão.

Aponto para a máscara na sua mão e para o rosto dela, depois gesticulo:

— Devias estar a usar isso! Há câmaras por aí e podes ter acabado de lhes oferecer um lugar na primeira fila para verem as nossas identidades.

Ela revira os olhos de forma dramática, a mostrar que continua a ser a rainha do drama que conheço.

— Relaxa. As câmaras só começam a filmar quando estamos perto do portão. E eu ia colocá-la, se tivesses sido paciente por, sei lá, dois segundos.

— Não brinques comigo. — Arranco-lhe a máscara e espeto-lha na cara, depois prendo-a à volta da cabeça para que fique bem segura.

Ela resmunga e geme.

— Estás a despentear-me o cabelo, idiota. Solta-me. Eu faço isso sozinha. Só a solto quando fico satisfeita com a posição da máscara. Ela lança-me um olhar furioso através das aberturas dos olhos enquanto penteia o cabelo.

— Não me olhes assim — gesticulo. — Sabes o quanto me custou conseguir um convite para este evento pretensioso. A última coisa de que preciso é que algo corra mal.

— Sim, sim. — Ela levanta a mão no ar, com uma exasperação evidente. — Já ouvi a história dos teus sacrifícios mil vezes, a ponto de poder recitá-la palavra por palavra.

— Nesse caso, segue o plano e para de me dar dores de cabeça.

— Sim, senhora. — Ela faz uma saudação gozosa e eu faço uma careta por trás da máscara.

Como só consegue ver-me os olhos, a Maya não percebe tudo; ainda assim, sorri maliciosamente.

A minha irmã gêmea sempre foi a minha melhor amiga, mas muitas vezes deixa-me louca com as suas travessuras.

Depois de me certificar de que nenhuma de nós está a mostrar o rosto, começamos a caminhar novamente em direção à mansão.

Ou, mais precisamente, ao complexo dos Elites.

Quando cheguei à ilha de Brighton, tive de aprender algumas coisas. A mais importante é que existem duas faculdades rivais nesta ilha. A que eu frequento é americana e chama-se King's U. É financiada por pessoas poderosas, cujos bolsos estão cheios de dinheiro recente e cuja origem ou motivos são difíceis de identificar.

Os meus pais fazem parte desse grupo de pessoas poderosas. Somos a realeza da máfia russa e eles são líderes da Bratva de Nova Iorque.

A outra faculdade é a Universidade Royal Elite, ou URE. Britânica, cheia de dinheiro antigo e aristocracia pretensiosa. A nossa faculdade tem dois clubes: os Heathens, a quem somos leais, já que o meu irmão e os meus primos são membros; e os Serpents, que são os segundos na minha lista de inimigos.

No entanto, os primeiros da lista são os Elites. O clube secreto e adorado da URE.

Enquanto os Heathens são herdeiros da máfia e da realeza americana, os Elites são... perigosamente diferentes.

Parecem elegantes e suaves, mas há um tom nefasto escondido sob a superfície.

Eu e a Maya vamos infiltrar-nos na mansão e na festa deles. É impossível conseguir um convite para estas reuniões de círculo fechado, a menos que faças parte do clube ou sejas da família ou grupo de amigos.

Para minha sorte, consegui arranjar dois convites destinados a alguém que faz parte da família.

Quando eu e a Maya chegamos à entrada, um homem enorme impedem-nos de entrar. Esta noite, as máscaras são obrigatórias e ele está a usar uma máscara preta de Carnaval, com ornamentos dourados.

Pelas minhas pesquisas, descobri que as noites de máscaras são importantes. Não são apenas reuniões dos membros, mas também momentos em que celebram vitórias e anunciam planos para o futuro.

É a principal razão pela qual esperei tanto tempo para executar o meu plano. Era necessário que a missão tivesse este nível de importância para ser satisfatória.

Pego na mala e mostro-lhe o cartão de convite preto com *Elites VIP* escrito em dourado. Depois de a Maya fazer o mesmo, ele pega nos cartões e digitaliza-os com um dispositivo especial.

Caramba. Não admira que seja impossível entrar nestas coisas. Até digitalizam os convites para se certificarem de que não há falsificações.

Quando a luz fica verde, acena mais para si próprio do que para nós e aponta para o colega, que usa uma máscara semelhante.

— Deixem todos os vossos pertences pessoais aqui. Não são permitidos telemóveis nem câmaras no interior. — A sua voz rouca, com um sotaque britânico quase incompreensível, enche o ar. — Se descobirmos que entraram com qualquer dispositivo de comunicação, serão expulsas.

A Maya solta um som exasperado enquanto largamos as nossas malas.

— É melhor proteges isto com a tua vida. Na verdade, como esta é uma edição especial da *Hermès* e, portanto, vale mais do que a tua vida, se a perderes, irei usar a tua pele para fazer uma nova. *Capisce?*

O homem não demonstra qualquer reação ao seu drama e eu agarro-lhe o braço, empurrando-a para dentro de um corredor mal iluminado.

— Acabaste de chamar a atenção para nós — gesticulo de forma discreta. — O que aconteceu ao plano de nos misturarmos, idiota?

— Desculpa. A minha mala vale mais do que esta missão.

— Estás a dizer-me que uma mala vale mais do que vingar o nosso irmão?

— Bem, já que ele pode fazê-lo sozinho... e já o devia ter feito, por isso não sei porque ainda não o fez, acho que... sim?

— Maya!

— O quê? Tive de mexer muitos cordelinhos para conseguir aquela mala.

— Nesse caso, talvez não devesse tê-la trazido numa noite como esta...

— É a minha mala da sorte. Claro que vou levá-la para a tua missão suicida.

— Tenho tudo planeado. Não é suicida.

— Vai ser, quando o Niko descobrir.

Estremeço só de pensar que o nosso irmão mais velho, o Nikolai, venha a descobrir. A fúria será a reação mais branda.

Os olhos da Maya brilham por trás da máscara com o que eu sei ser um sorriso malicioso.

— Ele vai esfolar-nos vivos.

Levanto o queixo.

— Não me importo. Lido com ele quando terminar a nossa vingança.

A conversa chega lentamente ao fim quando saímos do corredor e nos encontramos no salão principal.

Lustres enormes pendem dos tetos altos, iluminando um interior cintilante, o chão de mármore e pilares ornamentados. Todos os participantes usam máscaras semelhantes às nossas e estão vestidos com *smokings* justos e vestidos de festa elegantes. Sou, definitivamente, a menos sofisticada do grupo, enquanto a Maya se integra na perfeição.

— Eu avisei-te — sussurra ela no meu ouvido, referindo-se à sua sugestão anterior de que eu usasse um vestido mais chamativo.

Dou-lhe uma cotovelada, mas ela limita-se a rir, em tom de troça.

Se não fosse minha irmã, já lhe teria dado um pontapé na cara há muito tempo.

Cada uma de nós pega numa bebida do tabuleiro de um empregado que passa, mas eu não dou um único gole. Primeiro, porque teria de levantar a máscara e prefiro não revelar nada sobre a minha identidade. Segundo, porque sou tão fraca que até uma cerveja já me deixa bêbada. Portanto, finjo beber enquanto mantenho a atenção nas pessoas que circulam ao redor.

Algumas dançam ao som de música clássica desconhecida, como se fossem casais de meia-idade. Outras conversam e riem-se de assuntos que, certamente, são enfadonhos.

O alvo da minha vingança, que devia estar algures no meio desta farsa, não está aqui.

— Estás a vê-lo? — pergunta a Maya por gestos, como é o nosso hábito sempre que não queremos que alguém nos ouça.

Abano a cabeça.

Bato com o pé no chão, num ritmo repetitivo. Isto é mau.

Aquele idiota é a estrela do espetáculo, por isso, a menos que apareça com uma cara horrenda, o nosso plano está praticamente arruinado.

De repente, as luzes apagam-se. Tento ajustar a visão à escuridão, mas só consigo ver sombras e as silhuetas dos outros participantes.

Endireito a coluna e paro de bater com o pé, principalmente porque o pânico é grande demais para ser contido apenas com batidas.

O suor escorre-me pela espinha e o cheiro podre a mofo invade-me as narinas.

Não vou voltar para lá... Não vou...

— Ei. — A voz suave da Maya enche-me os ouvidos, enquanto ela me envolve os ombros com um braço. — Vai ficar tudo bem. Não estás sozinha, Mia.

Fixo os seus olhos, idênticos aos meus, mas, de algum modo, diferentes. À medida que os segundos passam, a minha respiração volta ao normal.

Ela tem razão. Não estou sozinha e, definitivamente, não estou de volta àquele lugar escuro e húmido de há dez anos.

Sorriso-lhe timidamente, grata por a ter, mas, ao mesmo tempo, envergonhada pela minha fraqueza.

A minha incapacidade de me recompor, mesmo depois de todo este tempo.

Todos os anos digo que este é o ano em que vou superar isto, mas, até agora, não tive sorte.

— Estou bem — gesticulo e, de seguida, forço-me a concentrar-me na cena.

Como era de esperar, alguns recém-chegados, com vestidos e *smokings*, entram como se fossem os donos de tudo e esperassem que todos os presentes se curvassem perante eles. Usam máscaras luxuosas e andam com o nariz empinado, como se a sua missão fosse julgar o mundo.

O nosso alvo há de estar entre eles.

Não há dúvida.

Na verdade, é provavelmente aquele que está no meio, com uma mão no bolso e a outra a pender de forma despreocupada ao lado do corpo.

O meu sangue ferve e preciso de todo o meu autocontrolo para não me lançar sobre ele e lhe arrancar os olhos.

*Tem paciência, Mia. Tudo é mais doce no seu devido tempo.*

Eu e a Maya trocamos um olhar; o nosso instinto de gémeas é ativado e assentimos uma à outra.

Deslizamos entre os convidados da festa, demasiado hipnotizados por quem presumo serem os líderes do clube para repararem em nós.

Pela primeira vez na vida, fico grata pela escuridão. Eu e a Maya passamos despercebidas até chegarmos ao corredor designado.

Embora seja verdade que ser convidado para uma festa dos Elites é um processo altamente seletivo, conseguir acesso à mansão que usam como complexo não é assim tão difícil.

Especialmente porque sou amiga de alguém que mora aqui.

Não tenho a certeza se ele ainda me irá considerar uma amiga depois de eu acabar com o idiota do seu irmão; mas, ei, ele sabia que eu nunca iria perdoar o irmão dele por ter raptado o Niko e, conseqüentemente, causado o seu ferimento.

Alguém precisa dar uma lição àquele bastardo, e o que sou eu senão uma boa samaritana?

Como ontem tive acesso à mansão, consegui colocar a nossa arma de destruição no centro do evento principal da festa.

Tudo o que temos de fazer é subir e carregar no botão para que o inferno se instale.

Mas, antes disso, temos de garantir que aquilo que plantei ainda está no lugar.

Para isso, a Maya irá verificar a fonte de alimentação e eu preciso de alcançar o botão de acionamento.

Não necessitamos de qualquer meio de comunicação, porque somos o tipo de gémeas que se sentem uma à outra, aconteça o que acontecer.

Se tudo estiver bem, terei um pressentimento antes de apertar o botão.

Deslizamos as palmas das mãos uma contra a outra e batemos com as costas das mãos no nosso aperto especial, depois separamo-nos.

Chego ao segundo andar e, como estão todos ocupados com aqueles idiotas pretensiosos, não encontro nenhum dos convidados. Mas há definitivamente seguranças e câmaras, razão pela qual finjo que vou à casa de banho.

Assim que lá chego, porém, subo para o lavatório, retiro a grelha da ventilação, salto para dentro da passagem de ar e fecho-a atrás de mim. Sou magra o suficiente para caber. Já dentro do espaço apertado, respiro fundo e começo a rastejar.

*Vai ficar tudo bem, Mia.*

*Este não é o mesmo lugar de há dez anos.*

*Estás apenas a fazer justiça pelo Niko.*

Estou quase a recair no meu pânico ilógico, mas consigo controlar-me. Demoro cerca de cinco minutos a chegar ao outro lado. Quando chego ao meu destino, já inalei mais pó do que um aspirador e estou a suar como um porco.

Abro lentamente a grelha da ventilação e, depois de escutar atentamente para ter a certeza de que não há ninguém nesta casa de banho, consigo sair e aterrar no lavatório, antes de saltar para o chão.

Fase um concluída.

A Maya já deve ter chegado ao outro lado. Ela não precisa de saltar nem rastejar. Nunca consigo convencê-la a «rebaixar» o seu estatuto «sublime».

Provavelmente, ela só precisa de namoriscar com um segurança, se encontrar algum.

Toco na máscara para me certificar de que está bem colocada, depois verifico o meu reflexo no espelho, aliso o cabelo e limpo o vestido. Quando estou satisfeita com a minha aparência, saio da casa de banho dos homens. Qualquer pessoa pode entrar e perguntar o que estou a fazer aqui, mas está tudo bem — mesmo que seja apanhada, vou fingir que entrei por engano.

Tudo o que tenho de fazer é chegar ao painel de controlo no canto e ativar o temporizador.

Mal saio pela porta, sinto os pelos da nuca eriçarem-se.

Contudo, antes que me consiga virar e inspecionar a origem da intrusão, sou empurrada de volta para dentro da casa de banho com uma força avassaladora.

Estou demasiado desorientada para me concentrar, quanto mais para tentar resistir à força desumana com que me agarram.

Bato com as costas na parede e gemo, depois levanto a mão, pronta para dar um soco em quem quer que seja enquanto desfiro pontapés.

Todos os meus planos são interrompidos quando me cruzo com uns olhos azul-escuros.

Olhos familiares.

Os olhos do meu inimigo. O alvo da minha vingança.

O cabrão do Landon King.



## DOIS

*Mia*

sto não faz parte do plano.

Na verdade, está tão longe do plano que consigo ouvir os cenários meticulosamente elaborados a estilhaçarem-se como porcelana partida. Estou diante de ninguém menos do que o Landon King: um deus encantador, um escultor genial e, acima de tudo, um sacana insuportável.

Ele aperta-me o braço, pressionando-me contra a parede com uma força que me deixa imóvel. Fecho a boca, mesmo com a condensação a cobrir-me o interior da máscara. O suor escorre-me pelo vale entre os seios e cola-me o vestido às costas. Qualquer tentativa de controlar a respiração termina num fracasso épico. O ar que entra pelas aberturas nasais da máscara envolve-me o pescoço como um laço — sufocante, nefasto e tão perigoso quanto os olhos que me fitam.

São tudo o que se vê sob a máscara veneziana branca, decorada com elegantes linhas douradas. Noutra pessoa qualquer, esta máscara pareceria inofensiva, até acolhedora; nele, porém, é apenas uma ameaça sinistra.

Uma característica distintiva denuncia-o — os olhos.

São brilhantes, de um azul-escuro, como um oceano que cintila sob o luar prateado: profundos, misteriosos e... mortais.

Já ouvi falar muito sobre o Landon, mas esta é a primeira vez que acredito que ele é um perigo mortal, alguém cujo caminho não devo cruzar. A menos que esteja disposta a afogar-me no seu oceano tão depressa que não reste qualquer vestígio de mim.

Infelizmente para ele, sou do tipo que gosta de nadar em águas profundas.

Baixo a mão para a lateral do corpo, abandonando a ideia de lhe mostrar

o dedo do meio, mas ergo o queixo. Tenho andado tão ansiosa por dar um pontapé na cara deste idiota que mal consigo conter-me.

Sim, a sua aparição complicou-me o plano, mas está longe de o ter arruinado. Só preciso de me livrar desta companhia indesejada e seguir com o que tenho a fazer.

— Importas-te de explicar o que a tua presença insignificante está a fazer aqui? — O sotaque britânico suave ecoa no espaço vazio, como uma canção de embalar.

É isso que eu odeio neste sacana desde que o conheci, quando ele estava a vandalizar o carro do meu primo. Ele tem um jeito natural de soar altivamente elegante enquanto profere ameaças a sangue-frio.

Tenho noventa por cento de certeza de que é emocionalmente distante e não tem qualquer ligação com o seu lado humano. E, embora eu não queira saber da relação que ele tem com os próprios sentimentos, isso torna particularmente difícil lidar com ele.

O meu primo Killian está na mesma categoria e possui o QI emocional de um peixe-dourado, mas pelo menos gosta de mim; portanto, não preciso de manter a guarda quando estou com ele.

O mesmo não se pode dizer do Landon.

Não só ele não gosta de mim, como também não iria hesitar em dar-me uma lição só para se vingar do Kill e do Niko.

Ele aperta-me mais o braço, e reprimo o esgar antes que chegue aos meus lábios. O meu pai sempre me ensinou a nunca mostrar fraqueza à frente dos inimigos, mesmo quando estou com dor, mesmo que cada fibra do meu ser exija que o demonstre.

*Alguns monstros excitam-se mais com a tua reação à dor do que com o simples facto de a estarem a infligir; por isso, nunca te coloques numa posição em que sejas a fonte de entretenimento de alguém.*

As palavras do meu pai ecoam-me na cabeça, enquanto olho para o monstro do dia.

O que foi? Já tive tantos na minha vida que deixei de os contar.

— Fiz-te uma pergunta. — O Landon volta a apertar-me até a dor pulsar por todo o braço. — Onde está a tua resposta?

*Vai-te lixar, idiota.*

Mas como não posso dizer isso — nem outra coisa, na verdade —, limito-me a continuar a observá-lo.

Podia usar a língua, mas ele iria descobrir a minha identidade de imediato. Além disso, ele não me conseguiria entender. Portanto, cerro ainda mais os lábios e tento soltar-me do aperto dele.

Grande erro.

Os dedos dele cravam-se com tanta força que parece que está a tentar quebrar-me os ossos.

Arregalo os olhos. Espera... é isso que ele quer fazer?

De repente, ele fica mais alto e largo, quase a engolir o horizonte com o seu porte físico.

É óbvio que a sua altura lhe dá vantagem sobre mim, mas, neste momento específico, ele parece uma parede. Uma parede coberta de fios e cacos de vidro. Será que sempre foi assim tão musculado? Há um minuto, será que os ombros já estavam tensos contra o fato feito à medida?

Ou talvez eu esteja apenas a ficar demasiado consciente da sua presença. O Landon é um homem alto, com pelo menos um metro e noventa, um corpo magro e musculado e uma postura perfeitamente ereta. Para piorar as coisas, estas características físicas superiores são complementadas por um carisma natural.

Ele move-se com uma segurança assustadora e um ego ofuscante. É frustrantemente confiante, antagonístico ao ponto de fazer inimigos por onde passa, e tem uma arrogância que poderia levar Narciso às lágrimas.

Mas há outro lado dele que estou agora a descobrir.

Ele é... assustador.

E não me refiro à forma como algumas pessoas tentam parecer realmente assustadoras. Ele não empina o peito nem eleva a voz. Não tenta ser assustador alterando o seu comportamento.

Basta-lhe deixar que a sua verdadeira personalidade transpareça. Os longos dedos da sua mão livre envolvem a máscara e levantam-na com naturalidade.

Quando lhe vejo o rosto por completo, a minha teoria torna-se realidade. Tudo o que o Landon precisava de fazer era remover a máscara para que o seu verdadeiro eu pudesse emergir.

O rosto é, logicamente, belo e simétrico como o de um modelo. Tem um nariz alto e reto, maçãs do rosto salientes e um queixo tão definido que poderia cortar pedra.

Ilogicamente, porém, ele não revelou o rosto para me encantar ou convencer a fazer o que quer que fosse. É uma arma que usa unicamente para intimidar.

Ele revelou voluntariamente a sua identidade para que ficasse claro quem tem a vantagem: ele, o líder dos Elites e anfitrião do evento onde eu sou apenas uma convidada.

— Vamos tentar outra vez. Quem és tu e o que estás a fazer na casa de banho dos homens?

Fixo o olhar no dele. Firme. Sem pestanejar. Sem medo e, certamente, sem qualquer mudança de comportamento, só porque aquele rosto bonito — que ele não merece, devo acrescentar — está à vista.

— Recusas-te a falar, é isso?

Aceno com a cabeça, uma vez.

— Entendo — reflete ele, afrouxando o aperto no meu braço.

Ele está a soltar-me?

Lanço-lhe um olhar duvidoso, mas não parece haver qualquer intenção maliciosa nos seus olhos.

São neutros. Amigáveis, até.

Sinto o coração voltar lentamente ao normal, apesar do estado de alerta.

De seguida, algo acontece.

É tão rápido e fugaz que teria passado despercebido se tivesse confiado na falsa segurança que ele oferecia e baixado a guarda.

Num piscar de olhos, ele alcança a minha máscara com a mão aberta, como se estivesse prestes a sufocar-me.

Não penso: empurro-lhe a palma da mão no último segundo, e ela acaba no meu peito.

Sinto-me a arfar e o peso da mão dele naquele lugar só piora a situação.

Em vez de o Landon recuar, um sorriso malicioso surge-lhe no canto dos lábios e ele aperta a carne por cima do vestido.

— Então, toda esta encenação foi um convite? Vocês, raparigas, arranjam mesmo as maneiras mais criativas de chamar a minha atenção. Estás disposta a fazê-lo aqui, onde qualquer pessoa pode entrar e ver-te a ser fodida como uma rapariga *indecente*?

Por um momento, fico em silêncio, atordoada. Em parte, porque ninguém alguma vez me falou assim.

Ninguém se atreveu.

Eu sou a Mia Sokolov. Filha do Kyle Hunter e da Rai Sokolov. Se alguém ousasse tocar-me e dizer-me aquelas palavras, eu dar-lhe-ia um soco que o iria mandar para outro planeta. Os meus pais iriam encontrá-lo e comer-lhe os testículos ao pequeno-almoço.

E nem vou falar do meu irmão. Ele ressuscitaria o desgraçado só para o massacrar outra vez.

Enquanto permaneço estupefacta, ele desliza a mão pela minha anca e sobre a nádega, antes de a apertar e de me empurrar contra o seu peito.

Um suspiro silencioso escapa-me dos lábios quando o meu estômago roça a sua ereção semirrígida.

A raiva pura faz-me ferver o sangue.

Como ousa...? Que diabos...?

Não penso duas vezes: tento levantar o joelho e dar-lhe um pontapé nos testículos.

Antes que consiga fazê-lo, porém, ele aperta-me ainda mais o rabo, não me dando espaço algum para me mexer.

— Calma, ratinha. Embora eu esteja bastante aberto a lutar, não tenho a certeza se me consegues derrotar.

*Vou levar-te a conhecer o teu criador, idiota.*

Tento deslizar para o lado, mas é impossível livrar-me dos dedos que ele tem cravados no meu rabo.

— És tão silenciosa. — Ele agarra-me a outra nádega com a mão com que segura a máscara. — Fizeste a tua pesquisa, não foi? Adoro quando ficam caladas.

*Acabou.*

Reprimo a fúria e deixo o corpo relaxar no aperto dele, derretendo-me voluntariamente nos seus braços.

Depois, levanto a mão e deslizo o indicador pela sua bochecha até ao queixo, lentamente, de forma sedutora.

O seu sorriso malicioso alarga-se, e ele não parece importar-se com o toque.

*É isso mesmo, psicopata. Pensas com a pila, como todos os outros idiotas.*

Puxo-lhe o lábio inferior, esforçando-me por não reparar na forma como ele se aproveita para me agarrar. Ele acha que estou a seduzi-lo, mas eu estou apenas a apagar-lhe aquele maldito sorriso para que deixe de parecer o parceiro perdido de Lúcifer. Ele acaricia-me o rabo, e eu resisto aos arrepios que me percorrem a espinha. Fico em bicos de pés para que o meu rosto, coberto pela máscara, fique a alguns centímetros do dele e, então, dou-lhe um soco. No nariz.

Com toda a força que consigo.

Raios. Isso dói!

O movimento é tão repentino que ele fica paralisado.

Aproveito a surpresa dele para o empurrar, soltar-me e sair a correr pela porta.

Apesar de estar desorientada e a arder pelo toque daquele sacana, não paro para olhar para trás. Nem mesmo por um segundo.

Na verdade, corro o mais rápido que posso, caso ele esteja a seguir-me. Embora não ouça quaisquer passos, não baixo a guarda e continuo a correr até chegar ao painel de controlo.

Sinto o coração quase a saltar da garganta, mas respiro fundo e aperto o botão. Não tenho dúvidas de que a Maya conseguiu.

Tal como eu esperava, o temporizador começa a funcionar.

Volto pelo jardim — o meu plano B. Não posso voltar àquela casa de banho, onde o Landon me pode emboscar de novo.

Nota para mim mesma: nunca ficar sozinha com aquele sacana.

Ele é um perverso maldito e persistente. Demoro mais tempo para voltar ao salão principal, mas chego aos convidados a tempo. Depois de me juntar à Maya, ela sinaliza:

— Por que raio demoraste tanto tempo? Estava a ficar preocupada.

— Houve uma complicação, mas não te preocupes, não foi nada.

Não acredito nas minhas próprias palavras, mesmo quando as digo. Aquilo definitivamente não foi nada. Foi tudo menos nada. Continuo a sentir o corpo a formigar de frustração e raiva.

— O que queres dizer com «houve uma complicação»? — sussurra a Maya, baixinho. — O que aconteceu?

Coloco um dedo na boca quando ninguém menos que o Landon sobe ao palco e bate com uma colher no copo de champanhe.

Na hora certa.

Ele está a usar a máscara, mas isso não importa. Depois do encontro de há pouco, desenvolvi o poder inútil de reconhecer o idiota a um quilómetro de distância.

— Obrigado por terem vindo à nossa festa — começa ele, com a voz suave e elegante que podia ser confundida com a de um político.

Aquele sotaque britânico maravilhoso é desperdiçado nele. É só a minha opinião.

— Estamos muito felizes por abrir as portas dos Elites às pessoas que consideramos VIP. Esta noite, irão ter um encontro pessoal com o vosso herói, o homem, a lenda, Landon King.

*Que nojo.*

— Ele parece comestível — gesticula a Maya. — É pena que seja um idiota.

— Porque está a demorar tanto tempo? — pergunto, gesticulando, enquanto a multidão enlouquece pelo potencial futuro líder de um culto.

Será que, na pressa, não carreguei no botão certo? Fiquei temporariamente fora de mim depois de aquele idiota tocar no que não devia.

Não, tenho a certeza de que carreguei...

Ele levanta o copo.

— Ao Elites.

— Ao Elites — repetem todos.

Nesse momento, os portões do inferno abrem-se e uma torrente de sangue de porco cai sobre ele. O sangue banha o Landon e o seu copo de

champanhe num instante, transformando-o numa gosma nojenta à frente das pessoas que o adoram.

Um suspiro coletivo toma conta da multidão. Eu rio por trás da máscara.

*Toma lá, idiota. Vais aprender a nunca mais te meteres comigo e com a minha família.*

As pessoas e os seguranças correm para o palco, e a Maya puxa-me pela mão.

— Hora de ir embora.

Arrisco uma última olhadela para trás, só para ver o idiota a parecer um tolo, mas ele já tirou a máscara e os olhos dele encontram os meus.

Um sorriso largo toma-lhe conta dos lábios, ainda mais assustador agora que está coberto de sangue.

Ele faz o sinal universal de *Estou de olho em ti*, e eu corro o mais rápido que alguma vez corri na vida.



## TRÊS

*Mia*

**N**ão me respondeste. — A voz do Nikolai ecoa pela sala, enquanto ele me dá um pontapé leve. Perco o equilíbrio, mas volto à posição e não abro os olhos.

Qualquer pessoa com bom senso deixaria que eu meditasse em paz, mas o meu irmão e o bom senso têm estado em guerra durante toda a vida.

Ele empurra-me de novo e, desta vez, caio de rabo no chão, fitando-o com raiva, até que me assusto ao vê-lo mesmo à minha frente.

Literalmente.

Está tão inclinado que a sua postura curvada parece, na pior das hipóteses, assustadora, e na melhor, estranha.

O meu irmão é apenas um ano mais velho do que eu e a Maya, mas não podia ser mais diferente. Enquanto nós puxamos à mãe e à sua irmã gémea idêntica, ele puxa ao pai. Eles partilham a tonalidade camaleónica dos olhos azul-turquesa, a mesma estrutura corporal e o cabelo escuro — embora o meu irmão use o dele comprido.

Neste momento, está preso num rabo de cavalo baixo na nuca, o que lhe destaca o rosto hostil e sombrio. Eu amo o meu irmão, e ele é realmente bonito, mas é preciso olhar além da sua expressão maníaca habitual para o perceber.

Além disso, ele está sem camisola noventa por cento do tempo — tal como agora. O que lhe deixa todas as tatuagens hedonistas e assustadoras à vista de todos.

Acrescentando o facto de ser bastante musculado, temos a receita perfeita para um desastre prestes a acontecer.

Não ajuda o facto de ele ter sido criado como herdeiro dos nossos pais na Bratva de Nova Iorque.

Às vezes, ele é como um bruto com licença para espancar, mutilar e até matar. Outras vezes, é apenas o meu irmão, que costumava levar-me a mim e à Maya a comer gelados e defender-nos de cães vadios perigosos.

— Ainda estou à espera de uma resposta.

Não consigo evitar olhar para o curativo que lhe cobre a base do pescoço.

Essa é a razão pela qual banhei aquele idiota do Landon em sangue de porco há alguns dias, e faria tudo de novo sem pensar duas vezes.

— Ainda estou à espera — repete o Nikolai, com a voz rouca habitual, mas agora visivelmente irritada. Juro que ele tem a paciência de uma criança.

— Pelo quê? — gesticulo, com uma expressão inocente. — E, a propósito, estás a ser mal-educado. Não te disse para não me incomodares quando estou a meditar?

— Blá, blá, blá. Não desvies o assunto. — Ele aproxima-se ainda mais, de modo que lhe sinto o cheiro de menta no hálito. — Para onde levaste a nossa irmã há umas noites e porque estavam a rir como bruxas malvadas quando voltaram? Reconheço uma descarga de adrenalina quando vejo alguma, e era exatamente isso que vocês estavam a ter. Portanto, conta-me tudo.

Brinco com as dezenas de fitas azuis no cabelo, fingindo ajeitá-las.

— O que te faz pensar que a levei a algum lugar? Talvez tenha sido ela que me levou.

— Ela é maldosa, mas tu és o cérebro por trás de todos os desastres que vocês planeiam. Não tenho o dia todo, Mia. Que raio fizeste tu? Vou ter de mutilar alguém?

Aponto o polegar orgulhosamente para mim mesma.

— A tua irmãzinha tratou de tudo. Fica tranquilo, Niko.

Ele semicerra os olhos e parece assustadoramente maníaco. Não é do tipo que desiste das investigações, especialmente quando eu e a Maya estamos envolvidas.

Além disso, embora vivamos num apartamento perto da mansão onde o Nikolai reside com os Heathens, ele não nos vê o dia inteiro.

Sim, existem os seguranças, mas eu e a Maya deixámos claro que apenas os iríamos ter connosco na rua e nunca dentro de casa. Ou, Deus nos livre, a seguir-nos.

Tivemos azar no outro dia, porque, quando voltámos, encontrámos o Nikolai à nossa espera.

Ele definitivamente não acreditou na mentira de que estávamos com amigos. Primeiro, porque não temos amigos. As pessoas sempre sentiram medo

ou desconfiança de nós; portanto, eu e a Maya tornámo-nos as melhores amigas uma da outra.

A minha irmã tem muitos seguidores nas redes sociais e faz parte de um grupo de pessoas semelhantes a ela, mas nem mesmo ela lhes chamaria *amigos*. Era próxima da nossa ama quando éramos crianças e costumava chamá-la de amiga, mas isso acabou depois de a ama se mudar para ficar com a família.

Segundo, apesar de eu e da Maya termos a capacidade de inventarmos um cenário imaginário na hora e completarmos as mentiras uma da outra sem esforço, o Nikolai conhece-nos desde sempre e, embora goste de fingir que não nos consegue diferenciar quando vestimos roupas iguais, na verdade ele consegue.

Ele também consegue perceber quando estamos a mentir.

— O que aconteceu naquela noite, hum? — pergunta ele, completamente indiferente à minha resposta. — E não me digas «nada», porque isso é treta.

— Não foi mesmo nada — respondo, com um sorriso doce.

Aprendi cedo que tenho um rosto bonito. A Maya faz de tudo para tornar o dela *sexy*, mas eu uso-o a meu favor.

Se és bonita e sorris, as pessoas caem facilmente no teu charme.

Só tenho de parecer ingénua até encontrar a oportunidade de lhes dar um pontapé ou um soco na cara. Como fiz com o Landon King. Um arrepio percorre-me a espinha ao lembrar-me do seu sorriso assustador naquela noite. Na verdade, tive um pesadelo com aquele sorriso ensanguentado e o «Estou de olho em ti». Ele não tem como saber que fui eu. Nunca tirei a máscara e, tecnicamente, não fui convidada para aquela festa. A pessoa que me deu os convites e me deixou entrar na mansão dos Elites não me iria trair. Na verdade, o Brandon, o irmão gémeo do Landon e o meu aliado, enviou-me uma foto do irmão coberto de sangue com uma mensagem.

**Brandon:** Foste tu que fizeste isto?

**Mia:** Se eu dissesse que sim, irias odiar-me?

**Brandon:** Não. Na verdade, agora gosto mais de ti. Estou impressionado.

**Mia:** Não estás zangado por eu ter usado os convites que me deste para fazer isto?

**Brandon:** Na verdade, não. Imaginei que estavas a tramar alguma coisa quando os pediste.

**Mia:** E se tiveres problemas com o teu irmão?

**Brandon:** Eu sei como lidar com ele. Não te preocupes.

Portanto, foi uma vitória em todos os aspetos. Consegui manter uma amizade recente, fresca e completamente frágil com o Bran, e também me vinguei pelo que o irmão selvagem dele fez ao meu.

Ainda assim, tenho estado inconscientemente alerta nos últimos dias, à espera de que o Landon me ataque por trás.

Ou pior — me arraste para algum canto escuro onde ficaria totalmente indefesa.

— Está bem. — O Nikolai ergue-se, imponente.

— Está bem? — repito em língua gestual, sem ter a certeza se o ouvi corretamente.

— Sim, está tudo bem. Tu e a Maya podem fazer como quiserem. — Inclina a cabeça para o lado. — Em troca, vou adicionar mais dois seguranças e todos eles irão seguir cada movimento teu.

Eu salto e gesticulo furiosamente:

— Não podes fazer isso.

— Vais ver a prova de que fiz exatamente isso logo pela manhã.

Oh, bolas.

Se o meu irmão diz que algo vai acontecer, sem dúvida que vai.

— Espera — gesticulo, soltando um suspiro. — OK, nós mentimos. Na verdade, encontrei-me com um amigo novo que acho que não irias aprovar, e foi por isso que não te contámos.

— Nome. Morada. Escola.

— Brandon King. Ele mora na mansão dos Elites e estuda na URE.

O meu irmão faz uma pausa e ergue as sobrancelhas quase até à linha do cabelo.

— Desde quando és amiga de alguém da URE?

— Aconteceu naturalmente. Sabes, naquela vez em que o irmão dele, o Landon, estava a incomodar o Kill e a ser rude, o Brandon pediu desculpa em nome dele. Depois, jogámos um jogo juntos e tornámo-nos amigos.

— O Killian nunca me falou disso.

— Não sei bem porquê. — Acho que foi porque o Brandon lhe pediu para não contar. E como o Killian estava a tentar cair nas boas graças do Bran para poder namorar com a irmã dele, ficou calado sobre todo o incidente.

— Então, estás a dizer-me que tu e o Lótus... — Aclara a garganta. — E o *Brandon*... são amigos.

— Sim. Encontramo-nos para jogar e assim. Mas continuamos a dar uma surra um no outro. Devias ver.

— Talvez devesse — murmura ele.

— Isso significa que estás de acordo?

O ar de perplexidade desaparece por completo e ele semicerra os olhos.

— Claro que não. Não te podes envolver com ninguém dos Elites.

— Mas ele é diferente, Niko. É tão simpático e cavalheiro.

— Ah é?

— A sério! E ele não é nada parecido com o idiota do irmão, o Landon.

— Então tu e a Maya estavam com o Brandon naquela noite?

Aceno com a cabeça.

— Onde? Na mansão deles?

— Não. Eles estavam a dar uma festa por lá, portanto encontrámo-nos num café de jogos e jogámos durante algum tempo.

— A Maya. Num café de jogos? O «ponto de encontro dos cromos», como ela os chama?

Merda. Calculei mal.

A Maya nunca poria os pés num sítio daqueles nem que lhe pagassem.

— Ela queria conhecer o Bran porque eu tenho falado muito sobre ele.

— Falado muito sobre ele — repete ele, num tom misterioso.

— Sim. Ela gosta mesmo dele. — Agora tenho de apresentar a Maya ao Bran. Caramba. Eles provavelmente não se vão dar bem.

O Nikolai apanha o meu telemóvel do chão e entrega-mo.

— Liga ao Brandon.

Dou um salto.

— O quê?

— Disseste que são amigos e passam tempo juntos. Isso significa que tens o número dele, certo?

Aceno com a cabeça.

— Nesse caso, liga-lhe. Quero confirmar a história.

Abro o telemóvel e escrevo furiosamente.

— Isto é ridículo. Tens assim tão pouca confiança em mim? É como se não acreditasses em nada do que digo.

— Não acredito — diz ele, sem rodeios. — Liga-lhe.

— Ele não está habituado a que eu lhe ligue.

— Tenho a certeza de que não se irá importar, já que é tão *simpático e cavalheiro*. — Não deixo passar despercebido o modo como ele enfatiza as palavras que mencionei.

Ah, bolas.

Tento ganhar o máximo de tempo possível enquanto procuro o nome do Bran, na esperança de que a Maya apareça.

Ela está sempre a invadir o meu espaço, mas desta vez não. Provavelmente está escondida para que o Niko não a interrogue. Aquela traidora.

Quando demoro mais do que o necessário, o Nikolai agarra no telemóvel e digita *Bran* na barra de pesquisa. Quando o único contacto com esse nome aparece, ele pressiona *Ligar* e carrega no botão de Altifalante.

O meu coração quase cai no chão quando o toque ecoa à nossa volta.

*Não atendas.*

*Não atendas.*

*Por favor.*

*Por favor...*

— Estou? — A voz ligeiramente rouca do Bran soa no ar, como se tivesse sido acordado de uma sesta. — Mia? Estás bem?

Solto um suspiro profundo e vejo o meu irmão a lançar-me um olhar de soslaio.

Que horror.

— Mia? — O Bran fica mais sério. — Há algo de errado? Faz algum barulho se precisares de ajuda...

— É o irmão dela, o Nikolai.

O Bran fica em silêncio durante alguns segundos tensos, e eu quase me descuido nas cuecas. Isto está a correr muito mal e demasiado rapidamente.

— Certo. — O Bran aclara a garganta e soa distante... frio, até. — Em que posso ajudar?

— A minha irmã disse-me que passou a noite contigo há três dias.

— Passou a noite comigo?

— Não foi isso que aconteceu?

Maldito Niko. Ele fez parecer que eu dormi com o Bran ou algo assim.

— Nós encontramos-nos, mas ela não passou a noite comigo nesse sentido.

*Sim, Bran. Obrigada.*

— O que estavam a fazer?

— Tenho a certeza de que podes perguntar isso à tua irmã.

— Eu perguntei, e estou a tentar decidir se a vou prender com base na tua resposta.

Silêncio, outra vez.

O pobre Bran está a ser arrastado para uma situação injusta com a qual não concordou.

— Jogámos alguns jogos — responde ele, casualmente.

— Onde?

— Num café de jogos.

— Qual?

— O único da ilha. Play Dungeon.

— Com quem?

— Sozinhos.

Quase caio para trás. Ele fez tudo certo, como se eu lhe tivesse contado todos os detalhes, mas errou no último.

— Sozinhos — repete o Nikolai, com um sorriso malicioso.

— Sim. Éramos os únicos a jogar. A Maya estava lá, mas estava demasiado ocupada com o telemóvel a maior parte do tempo.

*O meu herói.*

Vou comprar o novo *merchandise* do *League of Legends* ao Bran.

— Se não tiveres mais perguntas... — depois, o Bran desliga.

Eu sorrio triunfante para o meu irmão e gesticulo:

— Não é bom desconfiar dos teus próprios irmãos. Temos de trabalhar nesses maus hábitos, Niko.

— Vais ficar longe desse bando de merdinhas. — Ele empurra-me o telemóvel contra o peito. — O Brandon incluído.

E, de seguida, sai. Meu Deus. Que raiva.

Bem, tudo bem. Ainda assim, foi uma vitória.

Agora, preciso de agradecer ao Bran pessoalmente e, mais importante, rezar para nunca mais ter de ver o seu irmão selvagem.